



TRADIÇÕES RELIGIOSAS ABRAÂMICAS E A QUESTÃO DA INTOLERÂNCIA

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION / PRESENTAZIONE

*Luiz Carlos Luz Marques**

*Riccardo Burigana***

Uma questão fundamental para a compreensão da dinâmica da sociedade contemporânea é a relação entre as tradições religiosas abraâmicas e a dicotomia tolerância-intolerância, especialmente quando esta relação está intimamente ligada ao animado debate sobre a natureza e os limites da liberdade religiosa. Isto porque a referência às tradições religiosas abraâmicas é um dos elementos centrais desse debate, através do qual pode-se medir o quão complexas e, em muitos aspectos, contraditórias e ambíguas são as relações entre o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e a definição da ideia da possibilidade da presença de diferentes religiões no mesmo espaço geopolítico, sem que tal presença conduza a conflitos sociais.

* Doutor em História das Religiões pela *Università degli Studi*, Bolonha, Itália (1998). Licenciado em Filosofia pela *Universidade Federal do Paraná* (1980). Professor Assistente IV da *Universidade Católica de Pernambuco*. Membro do colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (Mestrado e Doutorado, nível 4), da mesma Universidade, desde 2006.1. Vice-líder do Grupo de Pesquisa *Estudos Transdisciplinares em História Social*, da UNICAP e membro do Grupo de Pesquisa *Videlicet - Estudos em Religiões, Intolerância e Imaginário*, da UFPB. Redator-chefe da **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. E-mail: prof.luizcmarques@gmail.com.

** Doutor em Ciências Históricas pela Universidade de San Marino (1991). Dirige o *Centro per l'Ecumenismo in Italia*, sediado em Veneza. É presidente da *Associazione Italiana dei Docenti di Ecumenismo*. É diretor dos Masters em Teologia Ecumênica e em Diálogo inter-religioso, do *Istituto di Studi Ecumenici San Bernardino*, de Veneza. Desde 2011 é diretor científico da Revista **Colloquia Mediterranea** (da Fondazione Giovanni Paolo II) e da coleção **Quaderni di Colloquia Mediterranea**, da mesma Fondazione. Desde 2010 é colaborador do jornal da Santa Sé, **L'Osservatore Romano**. Desde 2008 é diretor da Revista eletrônica mensal **Veritas in caritate**: Informazioni dall'Ecumenismo in Italia (do Centro Studi per l'Ecumenismo in Italia). De 2014 é codiretor da Revista eletrônica mensal **Ecumenismo Quotidiano**: Lettera di collegamento dell'ecumenismo in Italia, da Conferência Episcopal Italiana. E-mail: direttore@centroecumenismo.it.

Na verdade, enquanto alguns se referem precisamente às tradições religiosas abraâmicas para afirmar o fundamento último do direito à liberdade religiosa, outros, nos territórios em que são hegemônicos, tendem a negar este direito, invocando a singularidade de sua própria tradição religiosa e, em função disso, afirmando a impossibilidade de permitir que outros possam professar e viver, publicamente, sua fé. Nos ambientes secularizados, por sua vez, há aqueles que teorizam como essas tradições foram, e ainda são, obstáculo ao surgimento do direito de liberdade religiosa e que, portanto, só através de legislação laica que limite muito a ação das instituições do campo religioso, pode-se realmente falar em liberdade.

Abordar as complexas relações entre judaísmo, cristianismo, islamismo e a sociedade contemporânea exige, pois, uma leitura que saiba como sair de uma perspectiva puramente sectária e/ou ideológica. Na verdade, apenas com a utilização de uma pluralidade de leituras, pode-se compreender a complexidade e a riqueza destes relacionamentos, tal como vieram se desenvolvendo ao longo dos séculos, a fim de entender como eles foram negados e deturpados. É preciso, pois, uma investigação histórico-religiosa, capaz de recuperar e reconstruir com metodologia científica, clara e consensual, as passagens significativas do passado e os laços profundos com o presente, para contribuir para esse debate e para um melhor conhecimento desse percurso histórico-religioso. Para tanto, os editores da Revista de Teologia e Religião da UNICAP decidiram recolher intervenções sobre temas específicos, privilegiando abordagens disciplinares e temporais não só muito diferentes, mas produzidas por pesquisadores de diferentes tradições do campo religioso.

Portanto, este número se apresenta em duas distintas partes: a primeira, composta de uma série de contribuições interdisciplinares, tanto no conteúdo quanto na proveniência e formação dos autores, busca fornecer um quadro, certamente parcial, mas em muitos aspectos extremamente sugestivo, de como os temas da tolerância, da intolerância e da liberdade têm sido articulados nas três religiões abraâmicas, em diferentes épocas e lugares. No final dessa primeira parte, através da contribuição de cientistas da religião, historiadores, sociólogos e teólogos que trabalham em instituições acadêmicas europeias e brasileiras, é possível captar o quanto esse tema contribuiu, no passado, para criar os preconceitos e esquemas de leitura que, ainda agora, desempenham um papel-chave na desconfiança recíproca que, tantas vezes, atrapalha o diálogo entre religiões e culturas, lançando uma sombra também sobre o conhecimento do que foi e do que é religião no contexto das sociedades.

Na segunda parte, podem ser lidas contribuições sobre temas das ciências da religião, desde a tradição bíblica ao acalorado debate sobre a metodologia e o conteúdo do ensino da religião, na sociedade contemporânea laica. Contribuições essas que enriquecem o horizonte e dão testemunho do dinamismo global do campo religioso, cuja investigação sistemática e aberta ao diferente, pode ajudar a destruir as torres da ignorância e a construir as pontes da cultura.

No primeiro artigo, dos onze do dossiê dedicado às tradições religiosas abraâmicas, em sua relação com a questão da intolerância, o embaixador **Guido Bellatti Ceccoli**, observador atento do diálogo entre religiões e culturas na Europa, diálogo ao qual dedicou numerosas intervenções a vários níveis, na academia e no campo diplomático, apresenta o estado do diálogo intercultural na Europa, destacando o que foi pensado pelo Conselho da Europa para criar uma cultura de compreensão mútua. Em seu artigo, dá especial atenção às palavras e gestos do Papa Francisco, em favor do desenvolvimento do diálogo entre culturas e religiões.

Marco Bontempi, professor de sociologia da Universidade de Florença, coordenador do grupo de diálogo judaico-cristão-islâmico de Florença, oferece uma reflexão sobre o ensino do diálogo inter-religioso na Itália, a partir da experiência de alguns “mestres” do diálogo, como Giorgio La Pira, por muitos anos prefeito de Florença, animador de uma série de iniciativas imediatamente após a segunda guerra. Recordar esses “mestres” ajuda a superar memórias históricas poluídas por uma visão parcial e enganosa do passado, que reproduz a intolerância.

Natasha Danieli, professora de diálogo judaico-cristão no Instituto de Estudos Ecumênicos San Bernardino em Veneza, autora de vários trabalhos sobre o pensamento judaico na arte moderna e contemporânea, pergunta-se qual a dimensão da intolerância na tradição judaica, através da apresentação de algumas figuras do judaísmo, para ajudar a entender as dimensões do debate contemporâneo sobre a natureza do Estado de Israel.

Paul Frizzi, professor do Instituto Universitário Sophia, fundado por Chiara Lubich, centra-se na declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa do Concílio Vaticano II, adotada após um longo e difícil processo de elaboração, em que se confrontaram posições muito diferentes umas das outras, mas todas presentes na tradição da Igreja Católica; o autor destaca, com precisão, que a declaração abriu novas perspectivas que foram

incorporadas com profundidade no Magistério contemporâneo da Igreja Católica, a favor do direito à liberdade religiosa, confirmando a condenação todas as formas de intolerância.

Por **Carminé Napolitano**, historiador de formação, atualmente reitor da Faculdade Pentecostal de Estudos Religiosos, é analisada a contribuição da tradição pentecostal ao debate sobre a tolerância, a intolerância e a liberdade religiosa. Depois de uma breve apresentação dos ideais de origem das comunidades pentecostais, ele se concentra em dois casos (Itália e Ruanda), para ilustrar como, nos tempos atuais, pentecostais são capazes de propor um modelo evangélico para a definição da relação entre missão e liberdade religiosa.

Enzo Pace, professor de sociologia na Universidade de Pádua, coordenador de um projeto de investigação internacional no campo da sociologia religiosa, traça os problemas e deficiências dos estudos sobre o Islã, apontando-os como causas das dificuldades atuais, não apenas para diálogo inter-religioso, mas para superar aquela ignorância que produz a intolerância. O conhecimento das complexidades do mundo islâmico permite, na opinião do autor, que se capture elementos, tais como a sua espiritualidade, que podem ajudar às pessoas a entender as características da tolerância no mundo islâmico, promovendo assim o diálogo entre culturas e religiões.

Tiziano Rimoldi, um jurista de formação, atual decano do Instituto Adventista de Cultura Adventista Bíblica Villa Aurora, de Florença, mostra o caminho percorrido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, no aprofundamento da centralidade da liberdade religiosa no testemunho evangélico, enraizado na separação entre Igreja e Estado. Separação esta que foi um dos elementos essenciais para a vida da Igreja Adventista desde o início. Esta reflexão foi enriquecida pela experiência da discriminação que os adventistas têm sofrido em sua história, em função de posições que não foram compreendidas por muitos dos demais cristãos, tais como a escolha do sábado como o dia de celebração.

Debora Spini, professora da Universidade Syracuse, de Florença, vice-presidente do Fórum para os Problemas da Paz e da Guerra, e que se dedica, há anos, à promoção dos direitos humanos como um elemento essencial da missão da Igreja, apresenta o estado do debate sobre a relação entre monoteísmo e violência, com foco em como, ao longo dos séculos, criou-se uma tradição que aponta o seu monoteísmo como uma das causas do surgimento da intolerância religiosa e política.

Riccardo Burigana, do Instituto de Estudos Ecumênicos San Bernardino em Veneza, descreve a história do restabelecimento da importância da cidade de Livorno, no final do século XVI, com foco na atenção dada à relação entre a economia e a tolerância religiosa, que orientou os Medici na construção da nova comunidade de Livorno. Durante séculos, cristãos, judeus e muçulmanos viveram juntos nessa localidade, graças às “Leis de Livorno”, de 1593, que garantiam liberdade religiosa para toda a sua população.

Luiz Alencar Libório, da Universidade Católica de Pernambuco, reflete sobre os elementos de intolerância e violência religiosa, encarando-os a partir de pontos de vista cognitivo, ético, pedagógico, financeiro e político. O autor analisa alguns contextos geográficos chave, como o Oriente Médio e África, assim como alguns Estados específicos, como o Afeganistão e o Paquistão, levando em conta uma série de exemplos que mostram a violência na vida cotidiana, baseado em um amplo conteúdo bibliográfico. À luz dos acontecimentos recentes, o autor reafirma a ideia da necessidade de uma educação respeitosa e tolerante com o universo religioso, como o primeiro passo para a promoção da cultura de tolerância, de paz e harmonia entre as nações.

Zuleica Dantas Pereira Campos e Jussara Rocha Koury, da Universidade Católica de Pernambuco, abordam a questão da perseguição às religiões afro-brasileiras ao longo dos séculos, apresentando três momentos específicos: os métodos de catequese nas plantações de cana-de-açúcar, do século XVI ao XIX, os inquéritos policiais na primeira metade do século XX contra os locais e manifestações de cultos de afro-brasileiros e a atual propaganda de origem Pentecostal contra os mesmos cultos.

Contribuições individuais que ilustram as páginas do relacionamento entre o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, a tolerância e a intolerância, contribuindo para o conhecimento do passado dessas relações, que marcaram e continua a marcar o diálogo e o conflito entre elas, no momento em que o mundo pede aos os líderes das religiões abraâmicas, por palavras e gestos concretos, a paz e a condenação pública de todas as formas de violência e discriminação.

Na segunda seção da Revista, dedicada a temas livre, outros nove autores, de diversos programas brasileiros e um francês, nos oferecem artigos de grande interesse.

Para **Zeferino de Jesus Barbosa Rocha** e **Josenildo José Silva**, do Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, a obra de Sigmund Freud é uma fonte particularmente valiosa para a compreensão dos fenômenos religiosos contemporâneos. Fenômenos esses passíveis de serem analisados a partir de uma perspectiva psicanalítica, possibilitando, assim, uma compreensão de elementos comuns que transcendem, muitas vezes, a dimensão material das religiões.

Cláudio Vianney Malzoni, do Programa de Mestrado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, apresenta as comunidades cristãs da Mesopotâmia, entre as primeiras a serem criadas pela ação missionária da Igreja. Comunidades que ainda sobrevivem naquela região, mesmo que muitos de seus membros tenham sido forçadas a migrar – em diferentes momentos da história – dando vida, em diversos países, a comunidades cristãs que até hoje dão testemunho da herança teológica e espiritual de suas origens. Entre os textos preciosos dessas tradições analisa a assim chamada correspondência entre o rei de Edessa, Abgar e Jesus, do qual emergem características particulares das tradições dos primeiros séculos do cristianismo.

Gilvan Leite de Araújo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aprofunda a relação entre o Evangelho de João e um certo número de textos cópticos, encontrados em *Nag Hammadi*, em 1945, com o intuito de destacar as peculiaridades da espiritualidade cristã nos primeiros séculos. **Marcos Melo Eduardo dos Santos**, da Universidade de Campinas, por sua vez, examina um episódio do Êxodo (5,1-5), que descreve o clímax da opressão aos filhos de Israel, após a embaixada de Moisés e Arão ao faraó, e o submete a uma análise histórico-teológica, a fim de indicar tanto as contradições quanto a riqueza de tal parte da Bíblia.

O artigo de **Evanildo Costeski** e **José da Cruz Marques Lopes**, da Universidade Federal do Ceará, é dedicado a um dos temas centrais do pensamento do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, sobre a Fé, sintetizada na figura do “Cavaleiro da Fé”. Partindo da análise de conceitos como sofrimento, resignação, solidão e silêncio, em contraste com a figura do herói trágico, os autores afirmam que, para o filósofo, a mera renúncia não implica na fé e que a figura do cavaleiro, em Kierkegaard, vai muito além daquela do herói da literatura.

Renato Somberg Pfeffer, da Ibmec-MG, se concentra no trabalho de Emmanuel Lévinas, comparando a relação entre o judaísmo como fonte de verdade e a fenomenologia como uma forma de reflexão e compreensão da realidade.

O jesuíta **Christoph Theobald**, do Centro Sèvres, um dos teólogos mais brilhante do século XXI, com numerosas publicações sobre o significado do Concílio Vaticano II e sua recepção, aprofunda a dimensão pastoral do Vaticano II, através da leitura de alguns documentos do Concílio, especialmente a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*.

Ney de Souza e **André Gustavo De Fiore**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresentam as indicações da V Conferência do CELAM, focando, especialmente, o discipulado missionário, à luz da recepção do Concílio Vaticano II, centrando-se nas perspectivas e problemáticas abertas após a Conferência de Aparecida.

Finalmente, **Gilbraz Aragão**, da Universidade Católica de Pernambuco, oferece a sua própria reflexão sobre o atual debate, nas universidades e na política brasileira, sobre o ensino religioso na escola pública. Debate este que levanta muitas questões epistemológicas e metodológicas, que mostram a riqueza de uma discussão envolvendo uma diversidade de partes interessadas na definição de um espaço público para a religião no Brasil.